

# Diacronia do processo de parentetização em contexto de *assim*: uma comunicação por cartas

(Diachrony of the process of parenthetization in context of *assim*: communication by letters)

Lúcia Regiane Lopes-Damasio

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (IBILCE/UNESP)

luciaregiane@bol.com.br

**Abstract:** This paper is the result of a research developed in one of the subgroups of the Project Toward a History of “Paulista” Portuguese which focuses on the investigation of the “Diachrony of the constitutive processes of the text”. The aim of this research is to study the Portuguese item *assim* in the parenthesis contexts using specifically the *letter* Discursive Tradition in the 18<sup>th</sup>, 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries. Focusing on the Textual Interactive theory/perspective, the main purpose is to proceed with a qualitative analysis of the functionality of *assim* in the process of textual construction.

**Keywords:** *assim*; parenthesis; diachrony.

**Resumo:** Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no subgrupo do Projeto para a História do Português Paulista, que tem como foco de investigação a “Diacronia dos processos constitutivos do Texto”. O objeto de estudo é o item *assim* em contextos de parênteses, na Tradição Discursiva *carta* e no período correspondente aos séculos XVIII, XIX e XX. O objetivo central corresponde à promoção de uma análise qualitativa, sob a perspectiva teórica textual-interativa, do funcionamento de *assim* nesse processo de construção textual.

**Palavras-chave:** *assim*; parênteses; diacronia.

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo central analisar o funcionamento do item *assim* em contextos de parênteses e paráfrases, de acordo com a perspectiva textual-interativa (JUBRAN, 2006a), em textos pertencentes à Tradição Discursiva<sup>1</sup> *carta* no período correspondente aos séculos XVIII a XX.<sup>2</sup>

Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho será apresentado nas próximas quatro seções. Na seção 1, intitulada, “Síntese teórica”, apontamos os fundamentos teóricos do estudo, basicamente, num primeiro momento, os pressupostos teóricos da perspectiva textual-interativa e, num segundo momento, a descrição tipológica do processo de constituição do texto, o *parêntese* (cf. JUBRAN, 1996a, 1996b, 1999, 2006b). Já na seção 2, intitulada *Corpus* e metodologia, discorreremos sobre o tipo de *corpus* adotado e a metodologia utilizada no desenvolvimento de nosso estudo. Na seção 3, apresentamos a descrição e análise dos dados, assim como uma breve discussão que emerge dos resultados das constatações analíticas mediante o quadro teórico

---

<sup>1</sup> As Tradições Discursivas (TDs, daqui em diante) podem ser entendidas como “formas tradicionais de dizer as coisas, que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou uma fórmula literária complexa” (Kabatek, 2005, p. 156).

<sup>2</sup> Pioneiramente, Jubran organizou o subprojeto do Projeto para a História do Português Paulista (PHPP), identificado, “Diacronia dos processos constitutivos do texto”, cujo objetivo geral é realizar análises que abrangem as estratégias de construção textual, sob a perspectiva textual-interativa, a fim de constatar se há manutenção ou mudança relacionada às suas propriedades formais e funcionais, tomando como base estudos de *corpora* diacrônicos. É nesse subgrupo de pesquisa do PHPP que este trabalho se insere.

apresentado na seção 1, e, finalmente, em 4, apresentamos as considerações finais a partir dos resultados de análise.

## 1. Síntese teórica

### 1.1. A perspectiva textual-interativa

A perspectiva de análise textual-interativa, assentada em uma concepção de linguagem e de texto fundamentalmente pragmática, foi formulada, inicialmente, para abordar análises de textos falados, principalmente em contextos de comunicação face a face. No âmbito dessa perspectiva analítica, segundo Jubran (1996a, 1996b, 1999, 2006a), a linguagem verbal constitui uma realidade complexa e, por isso, definida por critérios igualmente complexos. Elege-se, portanto, uma visão de linguagem como “forma de ação e de interação social”.

Segundo a ótica pragmática pela qual se recorta esse conceito de linguagem, aspectos interacionais e linguísticos encontram-se imbricados, ou seja, o interacional encontra-se inscrito no textual, tornando-se inerente a ele: o textual, ao mesmo tempo em que atua como materialidade linguística, permitindo a identificação de traços interacionais, é fundamentalmente uma entidade que se modifica e contextualiza à medida que esses traços interacionais se inscrevem na sua superfície. Dessa forma, o produto, linguisticamente materializado, que surge daí apresenta, conseqüentemente, características do processo de interação. Esse imbricamento textual-interativo, i. é, os índices do processo de constituição dos textos de sincronias passadas refletidos na própria materialidade textual permitem a realização de um estudo diacrônico, baseado no resgate de textos que se tornam, exatamente por isso, representativos de determinados recortes históricos.

Assim, como objeto de estudo, o texto escrito, assim como o falado, é considerado um processo dinâmico que congrega e sinaliza, ao mesmo tempo, processos de formulação textual e interacional, que não resultam em uma dicotomia de funções textuais e interativas, mas na conjugação delas, de acordo com um *princípio de gradiência* (JUBRAN, 2004).

Tal visão de linguagem revela-se, cognitivamente, na competência comunicativa, correspondente à capacidade do falante de manter a interação por meio da linguagem, implicando a competência linguística, ou seja, a capacidade desse falante de conhecer um sistema de regras interiorizadas que lhe permite a produção, a interpretação e o reconhecimento das orações, para o estabelecimento de uma interlocução verbal. Neste trabalho, consideraremos que a competência comunicativa engloba também um conhecimento por parte do falante das formas textuais adequadas a determinadas intenções e contextos comunicativos, ou seja, o conhecimento dos falantes acerca das TDs.

No âmbito dessa definição de texto, a categoria *tópico discursivo* é adotada como unidade analítica, definindo-se pela observação das propriedades da *centração* e da *organicidade*. A primeira abrange os traços de: (i) *concernência*, relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual; (ii) *relevância*, proeminência desse conjunto como decorrência da posição focal assumida pelos seus elementos; e (iii) *pontualização*, localização desse conjunto focal em momento específico do texto. Por sua vez, a *organicidade* manifesta-se por relações de interdependência tópica (cf. JUBRAN, 2006b).

## 1.2. Estratégia de construção do texto: o *parêntese*

Segundo Jubran (2006b, p. 301), os parênteses são definidos, em abordagens de análise não textuais, como *frases hóspedes*, independentes, que interrompem a sintaxe de outras frases, nas quais se encaixam, sem estabelecer conexão formal nítida. Essa concepção de parêntese limita-se ao nível frasal e apoia-se, exclusivamente, em critérios sintáticos, uma vez que o perfil da frase hóspede é delimitado pela sua propriedade de não perturbar a ordem canônica da frase na qual se insere. De acordo com a perspectiva textual-interativa, a fundamentação dos fatos de parentetização requer uma revisão desse conceito de frase hóspede. Essa revisão, exposta por Jubran (2006b), volta-se para a adoção de uma unidade de análise de natureza textual e adequa-se às condições de análise do texto falado.

No âmbito da perspectiva textual-interativa, portanto, os parênteses podem ser definidos como inserções no segmento tópico, capazes de interferir na centração tópica. Por isso são identificados como *desvios tópicos*. A inserção parentética, por apresentar menor extensão, não constitui uma centração tópica e não prejudica a coesão do segmento tópico no qual se insere (Top. A – Parêntese – Top. A).

Dessa forma, a autora observa que a abordagem de análise textual-interativa extrapola o traço da complementação sintática da frase que hospeda o parêntese, ou seja, esse traço perde o seu caráter definidor da estratégia de parentetização uma vez que se torna facultativo. No entanto, outras evidências *sine qua non*, como o *desvio tópico* e *marcas de natureza formal*, tornam-se básicas para a identificação e delimitação do segmento parentético. A operacionalização do primeiro critério identificador do parêntese, o desvio tópico, depende do reconhecimento da sua natureza relacional, uma vez que o fato parentético só pode ser reconhecido em relação a um tópico discursivo dentro do qual, necessariamente, ele ocorre. Sendo assim, é inevitável a segmentação do texto sob análise em unidades tópicas antes da verificação das possíveis inserções parentéticas. Por sua vez, o segundo critério, relativo às marcas formais de inserção parentética, pode ser observado no segmento parentético e no segmento-contexto, conforme aponta Jubran (cf. 2006b, p. 308-310). Essas marcas, de natureza textual e prosódica, englobam vários aspectos que permitem a comprovação do parêntese, via observação de aspectos linguísticos, na materialidade do texto, ou de evidências acústicas.

Para o apontamento das fronteiras de ocorrência do fato parentético, a autora afunila sua análise ao trecho tópico em que ele é observado. De acordo com proposta de Delomier e Morel (1986 apud JUBRAN, 2006b, p. 317), esse trecho é segmentado em três partes: E1, correspondente ao segmento anterior ao parêntese, E2, correspondente ao parêntese em si e E3, correspondente ao segmento posterior ao parêntese, sendo E1, E2 e E3 pertencentes ao mesmo tópico discursivo. Vale esclarecer que, segundo Jubran (2006b), os autores acima citados consideram E como equivalente a *enunciado* e podendo corresponder a uma frase, uma unidade superior à frase ou mesmo um segmento de frase. Jubran avalia como fundamental essa elasticidade do conceito de enunciado dentro da perspectiva de análise textual-interativa que focaliza fatos parentéticos, uma vez que esses podem assumir diferentes configurações formais e podem localizar-se em diferentes pontos do tópico em que se inserem.

Considerando E1, E2 e E3, Delomier e Morel (1986 apud JUBRAN, 2006b) apontam, segundo estudo da língua francesa falada, que, quando há uma anáfora em E3, seu referente tende a encontrar-se em E1; por sua vez, quando ela ocorre em E2, seu referente é caracterizado em E1 como um todo. Jubran (2006b) constata o mesmo

funcionamento em *corpus* do português, comprovando que as relações anafóricas entre E1 e E3 mostram que ambos têm o mesmo estatuto textual, ou seja, constituem discursivamente enunciados que pertencem ao mesmo tópico. Já a propriedade anafórica de E2, referindo-se a E1 como um todo, evidencia a natureza distinta do segmento, constitutivo do parêntese, em relação ao tópico em que se insere.

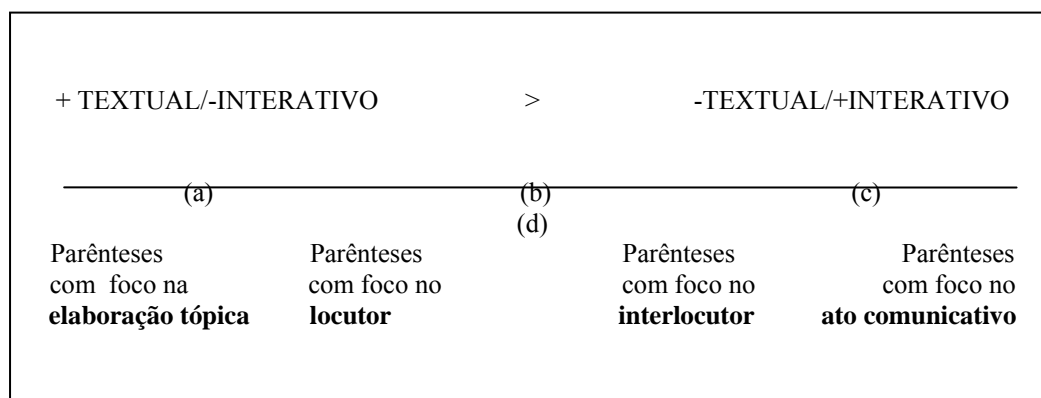
Para a abordagem das *classes parentéticas* e da sua *funcionalidade* é importante idealizar um contínuo que comporta, em um de seus extremos, as características fundamentadas nos aspectos textuais do tópico, e, em outro, as características fundamentadas nos seus aspectos interativos. Dessa forma, os desvios parentéticos que ocorrem em um determinado tópico discursivo manifestam-se em graus variáveis, podendo evidenciar afastamentos mais tênues do tópico em questão, até aqueles mais evidentes. Correlacionando essa gradiência de desvio tópico com a propriedade dos parênteses de conjugarem características textuais e interativas, operando uma intersecção entre o produto e o processo comunicacional, Jubran (1996a, 1999, 2006b) faz as seguintes observações:

(a) os parênteses podem evidenciar desvios mais nítidos do tópico em que se inserem quando apresentam uma tendência mais voltada para as características interacionais, ou seja, quando focalizam o processo de enunciação, sem que, com isso, deixem de implicar no desenvolvimento de aspectos textuais desse tópico, uma vez que, quando quebram o fluxo temático, para enfocarem algum traço do ato enunciativo, acabam por repercutirem no texto, propriamente dito, por estarem introduzindo condições enunciativas que determinam, em alguma instância, a sua própria existência;

(b) os parênteses também podem evidenciar desvios menos nítidos do tópico em que se inserem quando apresentam uma tendência mais voltada para o conteúdo que está no âmbito da relevância tópica, ou seja, quando assumem papéis funcionais voltados para esclarecimentos, exemplificações ou outras atitudes relativas ao conteúdo tópico, sem que, com isso, deixem de implicar no desenvolvimento de aspectos interativos, uma vez que, quando o fluxo temático é quebrado para a inserção de algum dado importante para o conteúdo tópico, ainda que a demanda pragmática seja reduzida, ela existe, e é determinante dessa necessidade de construção de um texto-tópico o mais claro possível, a fim de que os objetivos comunicativos sejam alcançados via compreensão do tópico pelos interlocutores.

A conjugação do textual com o interativo, associada aos graus de desvio tópico, implica imediatamente o *princípio de dominância*, ou seja, nessa abordagem textual-interativa, não há funções excludentes ou dicotômicas, tudo se resolve a partir da determinação de graus. Toda função textual da inserção parentética deve ter, em contrapartida, algum traço interacional, sendo o inverso também verdadeiro. O que deve ser determinante na análise é o apontamento da predominância de um traço sobre o outro, em alguns casos, ou, até mesmo, do balanceamento de ambos, a depender única e exclusivamente do tipo de fenômeno focalizado. Como, aqui, o foco incide sobre os parênteses, Jubran (2006b) apresenta os polos limites (a) e (b) e ainda outras classes intermediárias, totalizando quatro graduações: (a) parênteses com foco na elaboração tópica; (b) parênteses com foco no locutor; (c) parênteses com foco no interlocutor; e (d) parênteses com foco no ato comunicativo. Para ilustrarmos o *princípio de dominância* segue abaixo um *cline* de disposição das classes de parênteses:

**Quadro 1: *Cline* do princípio textual-interativo de dominância**



A classe (a) apresenta *subclasses* responsáveis pelo desempenho de funções textual-interativas<sup>3</sup> que englobam os parênteses que se voltam para (i) o conteúdo tópico, (ii) a formulação linguística do tópico, e (iii) a construção da estrutura tópica.

Os parênteses da primeira subfunção, correlacionados com o *conteúdo tópico*, encontram-se no que Jubran (1999, p. 133) chama de “situação limite” de reconhecimento de determinado segmento como parentético. Isso porque, uma vez voltados diretamente para o conteúdo do tópico em que se inserem, ou seja, permanecendo no seu horizonte temático, esses parênteses acabam por minimizar a sua primeira propriedade identificadora: o desvio tópico. O que passa a assumir papel de fundamental relevância para a identificação desses parênteses são as suas características formais. Assim, podemos dizer que é o falante quem determina, no momento da produção de seu texto, a realização daquele segmento como parentético ou não. Como já foi pontuado anteriormente, por se tratar da primeira classe, portanto um dos polos extremos no contínuo textual-interativo, as funções desse parêntese estão predominantemente voltadas para a constituição do texto, no entanto, ainda que de modo menos evidente, a sua funcionalidade pragmática está diretamente associada à necessidade de garantir a inteligibilidade e a aceitabilidade do texto por parte do seu interlocutor, preenchendo condições de clareza importantes para a eficácia da comunicação.

Os parênteses da segunda subfunção, correlacionados com a *formulação linguística do tópico*, correspondem a fragmentos de discurso que, ao se desviarem da centração tópica, voltam-se para uma função metalinguística, caracterizada pelo foco no sistema linguístico propriamente dito, ou seja, esses parênteses apresentam a particularidade de constituírem enunciados linguísticos que focalizam a própria língua, de modo, portanto, reflexivo.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Para a observação de todas as funções e subfunções dos parênteses aqui apresentadas, cf. Jubran (2006, p. 327-356).

<sup>4</sup> Segundo Jubran (1999, p. 137), o conceito de metalinguagem deve ser adequado à perspectiva assumida pela abordagem textual-interativa, de modo a aproximar-se do conceito de metadiscorso. Dessa forma, não apenas as relações de signo para signo devem ser consideradas, mas também a relação entre usuários e signos, ou seja, a metalinguagem passará a englobar fatores do processo de enunciação: o falante dirigindo-se ao seu interlocutor e utilizando, conforme suas necessidades comunicativas, enunciados metalinguísticos. Assim, a propriedade básica da auto-reflexividade, característica do metadiscorso, aproxima-o da metalinguagem, mas, a perspectiva pragmática da linguagem, que enfatiza a contextualização das realizações verbais, leva a uma confluência entre os procedimentos metalinguísticos e metadiscursivos, uma vez que as remissões às estruturas da língua passam a ser enfocadas pelo ângulo de seu funcionamento em situações comunicativas (JUBRAN; RISSO, 1998), garantindo ao metadiscorso uma dimensão mais ampla do que a da metalinguagem, até mesmo englobando-a.

Os parênteses da terceira subfunção, correlacionados com a *construção da estrutura tópica*, são também de natureza metadiscursiva, uma vez que evidenciam, no próprio texto, sua estrutura, facilitando o trabalho de formulação, apresentação e, como consequência, recepção do texto falado (JUBRAN, 1999, p. 142). Ou seja, trata-se de expressões ou enunciados que participam da elaboração discursiva, enquanto fatores de integração e organização textuais.

Por sua vez, os parênteses da classe (b) evidenciam foco no locutor, ou seja, o falante, por meio das inserções, introjeta no texto suas representações a respeito de seu papel discursivo e a sua caracterização do tópico.

Os parênteses da classe (c), que focalizam o interlocutor, materializam a sua presença no texto e garantem a possibilidade de comunicação por meio da referência a condições enunciativas do discurso, via função fática. Os parênteses dessa classe apresentam, de modo predominante, funções interacionais, uma vez que evidenciam uma “interação centrada” (GOFFMANN, 1976), baseada no envolvimento conjunto dos participantes do ato comunicativo, em relação ao tema que os une, sendo, portanto, essa a correlação que não deixa de apontar para a contraparte textual, responsável por mostrar a relação desses parênteses com o que é dito no tópico em que se inserem.

Por fim, os parênteses que focalizam o ato comunicativo, em (d), abrangem as inserções que, encontrando-se mais no polo extremo da interatividade, promovem um desvio do tópico em grau máximo, via introdução de dados, no segmento tópico, que não são nem relevantes e nem concernentes a ele, e que, por isso, quebram o fluxo temático, para focalizar as contingências imprescindíveis para a própria manutenção ou contratação do ato comunicativo em si. Ao apontarmos essa extremidade interativo-pragmática, concomitantemente, apontamos o traço textual desse tipo de inserção, que, apesar de menos evidente, equivale à própria garantia de existência da interação verbal. Todas as inserções desse tipo apresentam características metadiscursivas.

## 2. *Corpus* e metodologia

O *corpus* deste trabalho é constituído por uma seleção de textos pertencentes ao *corpus* maior do PHPP. Focalizaremos a TD *carta* por representar um espaço textual em que aspectos da oralidade manifestam-se no escrito, de acordo com uma concepção de escrituralidade que toma como base não a dicotomia das manifestações de fala e escrita, mas a conjugação de aspectos de ambas as modalidades nas manifestações de comunicação via texto que se materializa graficamente por meio da escrita.

O trabalho focalizará o *corpus* selecionado e editado por Simões e Kewitz (2006), apresentando a seguinte divisão: (i) *Administração Pública* (cartas régias, provisões, despachos, alvarás, testamentos, inventários, devassas, etc.); (ii) *Administração Privada* (cartas de mercadores, cartas de instituições religiosas, etc.); e (iii) *Documentos Pessoais* (cartas pessoais).

Concentrar-nos-emos, em busca de uma maior informalidade, nos conjuntos compostos por: (i) *Administração Privada*: cartas de aldeamento de índios, coletadas do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo (final do século XVIII e século XIX), escritas por religiosos de várias ordens responsáveis pela administração das aldeias indígenas, nas proximidades da vila de São Paulo;<sup>5</sup> (ii) *Documentos Pessoais*: (a) cartas

---

<sup>5</sup> Como Embu, Itapeperica, Guarulhos, São José, Barueri, Escada, Laranjeiras, algumas mais distantes como Peruíbe e Queluz

particulares de pessoas ilustres relacionadas com José Bonifácio (primeira metade do século XIX), coletadas do acervo de Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ); (b) cartas particulares, escritas por parentes e amigos de Washington Luiz (fins do século XIX), coletadas do Fundo Washington Luiz (AESP).<sup>6</sup>

Para complementar esse *corpus*, referente a *Documentos pessoais*, foram incluídas cartas particulares que integram a correspondência passiva do Professor Fidelino de Figueiredo<sup>7</sup> (fins do século XIX), coletadas do Acervo de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH-USP).

Dentro da TD *carta*, será focalizada, por fim, a carta em mídia, ou seja, as cartas de leitores e redatores de jornais dos séculos XIX e XX, a partir de material organizado por Afrânio Barbosa e Célia Lopes (2002, 2006).

A metodologia de pesquisa prevê, primeiramente, uma análise qualitativa, a partir da divisão dos contextos parentéticos, em que há a ocorrência do item *assim*, em unidades tópicas, que corresponderão, conforme a fundamentação teórica, à nossa unidade de análise. Na sequência, será descrito o funcionamento de *assim* em relação a esse processo constitutivo do texto, paralelamente a uma análise especificativa: (i) das classes de *parênteses*, a partir da delimitação de seu foco, suas subclasses, se for o caso, e (ii) das suas funções textual-interativas. Por fim, proporemos uma discussão que focalizará, com base nos dados empíricos descritos e analisados, a (in)viabilização de uma análise de textos escritos e históricos, referentes à TD *carta*, a partir de parâmetros existentes para a análise do texto falado, e qual o perfil dos parênteses materializados em contexto de *assim*.

### 3. Descrição e análise: em foco, o *parêntese*

A análise das ocorrências de *assim* em contexto de parênteses, em dados de língua escrita e pertencentes à TD *carta*, está assentada no exame da funcionalidade dessa estratégia de construção textual tendo em vista a configuração das relações textual-interativas.

Iniciaremos nossa análise a partir da observação de tópicos que manifestam ocorrências de *assim* em contexto de parêntese. Observemos o primeiro:

- (01) Entretanto a Capital attenta | com os movimentos das Villas, que ainda bem não sabe, forceja por lo- | grallas, e aterralas. Ainda hontem foi a Sorocaba o Coronel | do Regimento tomar o comando por andar o Destacamento; maz nada | obteve, tendo a Camara respnzabilisado ao Tenente Coronel, [ilegível] | Comandante por com S. A. por o não largar, nem deixar sair a Tro- | pa. A Facção ainda alardea manobra as eleições da ma- | neira a mais escandalosa, e em todas as partes: chama soldados | para diligencias de S.A.: (assim ao menos se diz) trama por tudo a | intriga: ameaça só assassínios aos que pensa nas Villas A=  
3ª. folha  
Agentes da reacção: mil outras coizas faz, entretanto que os cha- | mados bons da Capital nem mais falhaõ, eté por isso já se fazem | suspeitos. [BNXIX-11/04].<sup>8</sup>

<sup>6</sup> No âmbito do PHPB, esse material foi organizado em dois grupos: (i) remetentes paulistas e (ii) remetentes fluminenses. De acordo com os propósitos deste trabalho, ocupar-nos-emos do primeiro grupo.

<sup>7</sup> Fidelino de Figueiredo, português de Lisboa, nasceu em 1889 e morreu em 1967. Em 1938 foi convidado a integrar o grupo de professores europeus que organizaram as cátedras e os departamentos da recém fundada Universidade de São Paulo.

<sup>8</sup> BN, referente a cartas particulares de pessoas relacionadas com José Bonifácio, coletadas na Biblioteca Nacional do RJ; CP, referente à correspondência passiva de Washington Luiz; AI, referente às cartas de Aldeamento de Índios; LR, referente a cartas de Leitores e Redatores; e FF, referente à correspondência

Nesse caso, a inserção parentética vem indicada pelo sinal gráfico característico dessa estratégia em textos escritos, nem sempre presente, no entanto, em todas as suas manifestações em textos dessa natureza, tal como poderemos verificar no transcorrer do presente trabalho.

O parêntese, inaugurado pelo item *assim*, localiza-se especificamente em meio a um contexto de listagem:

chama soldados | para diligencias de S.A.:

(*assim ao menos se diz*)

trama por tudo a | intriga:

ameaça só assassínios aos que pensa nas Villas Agentes da reacção:

mil outras coizas faz

Evidencia-se, portanto, que *assim*, em E2, é responsável pela instauração de: (i) um movimento *anafórico*, que sinaliza toda a porção textual que configura o contexto tópico em que ocorre a inserção, ou seja, sinaliza E1 como um todo; e também (ii) um movimento *catafórico*, já que a continuidade da listagem, instanciada em E3, na continuidade do tópico em questão, não nos permite afirmar uma limitação da abrangência do alcance desse parêntese apenas à porção tópica que lhe é anterior.

Esse segmento integra a classe dos parênteses com *foco no locutor* uma vez que aponta para o seu descomprometimento com a veracidade do conteúdo comunicado. Especificamente, a função textual-iterativa desse parêntese é a de *atribuir pontos de vista sobre o assunto a fontes não identificadas*, mais particularmente, é a de apontar, no texto, que o escrevente desenvolve seu tópico a partir de outras fontes de enunciação não identificadas no texto. Estabelece-se, portanto, uma relação entre o sujeito da enunciação e seu enunciado (MAINGUENEAU, 1990). Esse sujeito, por meio da inserção parentética, torna explícita, no texto, a sua avaliação e qualificação quanto ao significado de seus enunciados, uma vez que procura se eximir da responsabilidade do que é dito, a partir da fundamentação desse conteúdo no “ouvir dizer”. Há, portanto, nessa estratégia de construção textual, o reflexo do julgamento do escrevente quanto ao valor de verdade do que está sendo dito e, conseqüentemente, a atribuição da fundamentação desse conteúdo a fontes não identificadas, o que aponta a relativização do valor de verdade da proposição ou, pelo menos, o descomprometimento do locutor em relação a esse valor. Ocorre, de fato, um processo de modalização epistêmica via estratégia de parentetização.

Dessa forma, a função iterativa desse parêntese, dada pela própria modalização epistêmica, decorrente da atribuição do foco enunciativo a outros, a partir do “ouvir dizer”, soma-se à sua função textual, já que incide diretamente na significação proposicional que será estabelecida a partir do momento da sua inserção no tópico. Em outras palavras, as informações transmitidas pelo escrevente adquirem nova perspectiva proposicional com o parêntese agindo na construção do segmento textual.

O tópico (02) traz nova ocorrência de *assim* em contexto de inserção parentética:

(02) Lembrome que hũa das Coizas mais neceSsa| rias ao prezente he CrearSe hum Capitam de Ordenanças e hum Alfferes para todo| aquele Continente desde o Rio Pardo the o Rio Grande, pois o Povo que abita to|da esta vasta Campanha não te ali official algum aquem|esteja Subordinado, Resultando daqui alem de outros grandes males o|de faltas de Povoadores. [espaço]

---

passiva de Fidelino de Figueiredo; (ii) o século em que a carta foi escrita; e (iii) as numerações do documento em cada um desses *corpora* específicos e no *corpus* geral do trabalho.



Depois sera preciso aproporSsão do Povo | [p.2] do Povo, e daneceSsidade Criar mais Capitaens, e mesmo Criar Companhias deMeleciannos, taõ neceSsarios para Civilizar o Povo e gradualmente Sugeitar a|Subordinacaõ aquelles homens creados / posso dizer assim / sem Ley nem| Religiaõ. [AIXVIII-28/64]

Nessa ocorrência, diferentemente do que observamos na anteriormente apresentada, o item *assim* não inaugura o parêntese, mas, pelo contrário, encerra o segmento. Como na ocorrência do tópico (01), também aqui há um sinal gráfico indicando o estatuto textual-interativo diferenciado do segmento E2, inserido, em relação aos enunciados E1 e E3, constituintes do tópico em que ocorre a inserção. Apesar disso, não se trata do sinal que convencionalmente emprega-se para indicar parêntese, já que foram usadas “barras”.

Evidencia-se, em (02), que o item *assim* realiza um movimento de sinalização prospectivo. A partir desse movimento de natureza catafórica, o parêntese escopa o enunciado E3 como um todo.

Em relação à sua classificação, podemos inserir esse parêntese na classe daqueles que apresentam o *foco na elaboração tópica*, especificamente relacionado à *formulação linguística do tópico*, uma vez que, ao se desviar da centração tópica, o fragmento discursivo focaliza a própria construção do texto, apontando para a caracterização da forma como “*aquelles homens*” eram “*creados*”. O escrevente, por meio da parentetização, imprime, no texto, a necessidade interativa de apontar para seu destinatário que a caracterização sinalizada em E3 é resultado de uma construção figurativa intrínseca àquele contexto. O parêntese mostra, na materialidade do texto, essa avaliação em curso. Antes de caracterizar a forma como os homens eram criados, o escrevente avalia como pertinente focalizar a formulação linguística eleita para a elaboração do segmento E3 do tópico, equivalente a essa caracterização.

Sendo assim, temos novamente o apontamento das funções textual e interativa: previamente à inserção de um quadro descritivo, em nível textual, o escrevente realiza uma avaliação, exposta por meio do parêntese, sinalizando ao seu destinatário que ele pode realizar aquela caracterização, entendida, portanto, como pertinente e possível no tópico em questão.

A ocorrência de *assim* no parêntese em (03) apresenta algumas peculiaridades em relação a seu funcionamento. Vejamos:

- (03) Não sei qual é a sua concepção da Vida. Eu te-| nho a minha, que aliás não é minha, que bebi na literatura ori-|ental, e que (sinto assim) foi a única felicidade que tive nes-|ta minha atribulada existência. É o resultado do estudo da mi-|nha vida inteira. [FFXX-56b/121]

Nessa ocorrência de inserção parentética, em que há o seu sinal gráfico prototípico, o item *assim*, encerrando o parêntese, incide sobre o verbo *sinto*, apresentando função de advérbio modal. Além disso, realiza também uma sinalização de base catafórica, escopando E3 como um todo.

Esse segmento parentético também pode integrar a classe de parênteses com *foco no locutor*. Mas, nesse caso, o segmento parentético sinaliza informações proposicionais que estão diretamente associadas à manifestação de “sentimentos” do escrevente. Sendo assim, o parêntese não está associado à modalização das colocações tópicas de forma a relativizar seu teor de verdade e, assim, garantir o descomprometimento do escrevente e preservar sua face em relação ao seu destinatário, uma vez que explicita a esse a natureza de suas colocações proposicionais. A atitude

principal sinalizada por esse tipo de parêntese é tornar evidente, para o destinatário, o caráter extremamente *subjetivo* das colocações posteriores, ou seja, do conteúdo tópico.

É difícil, portanto, nesse caso, separar a atitude do escrevente, manifestada por meio do parêntese, da avaliação que esse escrevente faz do conteúdo do tópico que constrói. Sugerimos que esse tipo de parêntese represente, portanto, uma classe não-discreta, em que temos, concomitantemente, focalização da *manifestação atitudinal do locutor* e do *conteúdo tópico*, sendo que a primeira ocorre imprescindivelmente em consequência da natureza da segunda. Sendo assim, a função interativa do parêntese, ligada à sinalização do alto grau de subjetividade do conteúdo tópico para o destinatário, está intimamente associada à sua função textual, já que é a natureza desse conteúdo que torna necessária tal sinalização.

Observemos, agora, a ocorrência em (04):

- (04) O artigo que abaixo transcrevemos é extraído da Revista Encyclopedica, e escripto por Sismondi, homem de tão variados quanto vastos, e profundos conhecimentos. A extensão d'este artigo seria razão para que com elle não entretivessemos nossos Leitores, se sua importancia, se seu objecto, se o enxame de verdades, e de vistas novas que encerra, nôs não forçassem, por assim dizêl-o, a isso. [LRXIX-430/77]

O item *assim* integra o segmento parentético que aparece sinalizado, graficamente, por vírgulas. Esse parêntese apresenta uma formulação que poderia ser parafraseada pela recorrente construção atual “digamos assim”, ou até mesmo pela forma manifestada no parêntese anteriormente analisado “posso/podemos dizer assim”. Em relação à sinalização realizada pelo item *assim*, nesse caso, verifica-se um escopo anafórico. Dessa forma, E2 sinaliza E1. Entretanto, não se trata de uma sinalização que aponta para E1 como um todo, mas, mais especificamente, para um item utilizado nesse enunciado, “*forçassem*”, imediatamente anterior à inserção parentética.

O escrevente, ao empregar esse verbo, sente necessidade de apresentar, via inserção parentética, uma avaliação voltada para essa formulação linguística. Essa avaliação, nesse caso, realizada após o uso do item, denota a preocupação do escrevente em expressar a pertinência desse emprego, anunciando que a sua escolha passa por um uso figurativo.

Esse segmento integra a classe dos parênteses com *foco na elaboração tópica*, mais especificamente relacionado à subclasse “*formulação linguística do tópico*”, uma vez que se trata de um fragmento discursivo que, ao se desviar da centração tópica, focaliza determinada denominação, apontando para a própria construção do texto. Sua função textual-interativa é a de mostrar que o escrevente sente necessidade de apontar para seu destinatário que determinado emprego lexical é expressivo ou figurativo, naquele contexto específico.

Uma vez que a pertinência desse parêntese depende da avaliação do escrevente em relação à necessidade de precisar a natureza figurativa de sua colocação para seu destinatário, temos tanto a função textual quanto a interativa.

O tópico (05) traz nova ocorrência parentética voltada para a elaboração tópica:

- (05) És um felisardo; sem solictares cou- |sa alguma, vaes te deixando levar |- assim com |s|eus ares de Napo-|leão no Egypto - para o ponto |almejado e p[corroído] [c]aminhos da ma- |xima conven[iencia]. Seguir a oppor- |tunidade é u[ma] [g]rande cousa ..... [CPXIX-16/24]

Também nessa ocorrência há sinais gráficos, ainda que não prototípicos, apontando a natureza parentética do segmento. *Assim* inaugura o parêntese realizando uma sinalização anafórica que aponta o trecho “*vaes te deixando levar*” de E1. Nesse caso, podemos dizer que, ao realizar essa sinalização, o item focaliza uma informação de natureza modal, de acordo com sua funcionalidade adverbial. Dessa forma, a sinalização anafórica de *assim* aponta para E1 e a catafórica aponta para o interior do parêntese, em E2, de forma a explicitar a informação modal relevante para E1.

Esse segmento integra a classe dos parênteses com *foco na elaboração tópica*, mais especificamente a subclasse daqueles que estão voltados para o *conteúdo tópico*. Nesse caso, a inserção parentética apresenta a função de *esclarecer* determinada informação apresentada em E1, ou seja, o modo como determinada pessoa se “deixava levar” para um ponto privilegiado. Dessa forma, esse detalhamento além de atender “à regra da ‘clareza’, que faz parte da ação discursiva” (BETTER, 1976 apud JUBRAN, 1999, p. 135), ainda chama a atenção do destinatário para uma informação ilustrativa e de caráter bastante informal.

Destaca-se que esse tipo de parêntese representa um caso considerado limite, cujo reconhecimento do segmento como parentético depende, inevitavelmente, das marcas formais, dado que sua outra propriedade identificadora, a do desvio tópico, é atenuada.<sup>9</sup> Levando em conta essa observação, consideramos, então, que o aspecto decisivo para a análise desse segmento como parentético são os sinais formais encontrados, delimitando o segmento tópico. É presumível que, em casos como esse, a função textual esteja em evidência, já que o conteúdo da inserção parentética encontra-se no limiar da contração tópica, o que não quer dizer que a interacional seja suprimida. Nessa ocorrência, ela pode ser constatada na criação de uma forma bastante facilitada de promover o esclarecimento, a partir da introjção de dados ilustrativos sobre o “modo” de agir da pessoa em questão no tópico, o que, conseqüentemente, garante a eficácia do ato comunicativo.

O tópico (06) apresenta, por fim, a última ocorrência de parêntese:

- (06) Aqui fico por ora (*se assim qui- | zerem*) dando no em tanto os para- | bem ao *Senhor Doutor Getulio*, pelos elo- | gios, (*se os aceitar*) que lhe tece | aquelle homem, declarando porém, | que muito me glorio, em têl-o por | meu inimigo, rogando ao mesmo | tempo a Sua Senhoria, q’ quando es- | tiver com a vara de juiz municipa,| não sedeixe insuflar por algum baju- | lador, que o procure fazer persegui- | dor do escrivão da provedoria, o qual | não tem parte neste artigo, porque | me responsabilizo. || São Paulo 23 de novembro de 1857. || Antonio José Mauricio Pereira [LRXIX-451/80]

Nesse tópico, a ocorrência do segmento parentético apresenta-se com o sinal gráfico prototípico de parênteses. O item *assim* integra uma oração condicional, realizando sinalização retrospectiva e escopando E1 como um todo. No contexto da carta em questão, E1 desempenha função metadiscursiva voltada para a sinalização da estrutura do texto, ou seja, apontando que o escrevente irá concluir sua carta, de acordo com a função (c) sugerida por Borillo (1985), que diz respeito à modalidade de metadiscorso que se refere à explicitação da construção de enunciados, ou seja, explicando sua organização e seu desenvolvimento textual.

---

<sup>9</sup> Em dados de língua falada, esses casos só podem ser decididos a partir da observação de marcas de natureza prosódica. Inclusive o escopo de sinalização de *assim*, em contextos de parênteses com foco no conteúdo tópico, só pode ser definido a partir de uma análise prosódica e entoacional, de acordo com os pressupostos de Nespor e Vogel (1986) e de Tenani (2002) e Fernandes (2007).

Ao sinalizar E1, portanto, de caráter metadiscursivo, o parêntese materializa a presença do(s) destinatário(s) no texto, o que justifica sua classificação como *parêntese com foco no interlocutor*. É como se o escrevente, levando em conta um contato com seu(s) destinatário(s), evidenciasse, via inserção parentética, o envolvimento dele(s) no ato comunicativo e, assim, a necessidade de encerrar sua abordagem do conteúdo da carta, para não se tornar excessivamente “cansativo”, atendendo, dessa forma, à vontade de seu(s) destinatário(s).

Especificamente, a função desse parêntese é a de *instaurar a convivência com o interlocutor*, uma vez que o escrevente procura depositar no(s) seu(s) destinatário(s) a exigência de ter que finalizar sua carta, o que pode ser comprovado pela configuração condicional do parêntese. Mais do que simples convivência, diríamos que esse parêntese procura responsabilizar o(s) destinatário(s) pela condução dada ao texto.

Embora acentuadamente interacional, esse parêntese tem sua implicação textual, uma vez que, ao desviar o conteúdo tópico “para, nesse intervalo, colocar em proeminência informações sobre o papel discursivo do interlocutor” (Jubran, 2006b, p. 345) aponta o seu processo de construção, já que *assim* sinaliza um enunciado que tem exatamente a função de expressar esse processo.

A partir da descrição analítica das ocorrências de parênteses observadas no *corpus* da TD *carta*, passamos para a apresentação dos resultados. Em primeiro lugar, focalizaremos o modo como essa descrição revelou o item *assim* em relação a esse processo constitutivo do texto. Para isso, expomos o quadro 2: “Descrição formal e funcional de *assim* em contextos de parênteses”:

**Quadro 2: Descrição formal e funcional de *assim* em contextos de parênteses**

ocorrências	localização			sinalização			
	<i>inicia</i>	<i>integra</i>	<i>encerra</i>	<i>E1</i>	<i>seg.E I</i>	<i>E3</i>	<i>E2</i>
(01)	*			*		*	
(02)			*			*	
(03)			*			*	*
(04)		*			*		
(05)	*				*		*
(06)		*		*			

Esse quadro, que aponta dados descritivos da localização formal e da sinalização de *assim* em contexto de parênteses, permite algumas observações:

- (i) *Em relação à localização*: o item *assim* apresentou distribuição equilibrada em todas as possibilidades de localização, sendo evidenciado no início do segmento parentético, encerrando-o e também em outras posições diferentes dessas, o que denominamos de posição de integração.<sup>10</sup>
- (ii) *Em relação à sinalização*: o item *assim* pode realizar sinalização de natureza:
  - (a) anafórica, escopando E1 como um todo;

<sup>10</sup> Essa denominação não exclui o fato de *assim* também integrar o parêntese nas outras possibilidades de distribuição formal.

- (b) anafórica, escopando segmento de E1;
- (c) catafórica, escopando E3 como um todo;
- (d) anafórico-catafórica, escopando E1 como um todo e E3 como um todo;
- (e) anafórico-catafórica, escopando o enunciado parentético E2 e E3 como um todo;
- (f) anafórico-catafórica, escopando segmento de E1 e o enunciado parentético E2.

(iii) *Em relação à localização e sinalização*: não é possível estabelecermos uma correlação direta entre a localização do item e o tipo de sinalização realizada por ele. Entretanto, é importante destacar que, em todos os casos analisados, o funcionamento do item, ainda que em contextos de início de parêntese, não é equivalente à função de “sinalizar o segmento parentético”. Em todas as ocorrências, o item faz parte de E2, auxiliando seu funcionamento a partir de sua sinalização e/ou significação modal.<sup>11</sup>

A partir dessas constatações, podemos afirmar que o item *assim* assume, em contextos de parêntese, a importante função de sinalizar os segmentos, ou trechos do tópico que estão sob o escopo funcional desse processo de construção textual. Esse escopo pode incidir, de acordo com as possibilidades de sinalização apresentadas, sobre o tópico como um todo, ou apenas termos e segmentos.

É relevante o fato de que, nesses textos de outras sincronias do português, o item, ao atuar como sinalizador fórico constitui, ao mesmo tempo, os processos de construção textual focalizados. Talvez isso se deva ao fato de que, em todas as ocorrências observadas nos tópicos recortados, o item traz seu funcionamento pleno, enquanto advérbio modal, explícito.

Em relação à tipologia do fato parentético em contexto de *assim*, o resultado mais interessante aponta para o fato de que, apesar de terem sido constatadas três dentre as quatro classes de parênteses apresentadas, apenas funções específicas mostraram-se recorrentes nesse contexto. São elas: (i) atribuição de pontos de vista sobre o assunto a fontes não identificadas; (ii) manifestação de atitudes do escrevente em relação ao tópico; (iii) sinalização de relações com o conteúdo tópico; e (iv) instauração de convivência com o destinatário.

#### 4. Considerações finais

Na seção anterior, foi possível constatar a maneira específica como o item *assim* envolve-se em funções relacionadas ao processo focalizado de constituição do texto. Constatou-se também a pertinência do quadro de classes e funções de parênteses, resultante da análise de dados de fala, assim como foi constatado que, nos dados referentes ao nosso *corpus* e ao contexto recortado, as classes e funções apresentam um determinado perfil, i. é, há uma predominância das mesmas funções e a ausência de outras, o que pode ser indício de uma forte correlação entre a construção desse processo textual e o item focalizado.

Forte indício que emerge da análise dos dados, mas que merece uma atenção especial a ser dada em outros trabalhos essencialmente voltados à questão, é o fato de

<sup>11</sup> Diferentemente do que pode ser observado em dados de língua falada, na sincronia atual, em que se constata uma função exclusiva do item de sinalizar o segmento parentético, sem integrá-lo e sem compartilhar de sua funcionalidade dentro do tópico discursivo. Nesses casos, o item, enquanto Marcador Discursivo, funciona como uma marca formal de parênteses voltados para o conteúdo tópico (LOPES-DAMASIO, 2009).

que determinadas cartas apresentaram funções específicas, sugerindo que as condições de produção e a relação estabelecida entre o escrevente e o destinatário dessas cartas são fatores extremamente relevantes para a emergência de determinados processos constitutivos do texto em detrimento de outros. Esse indício mostra que os pressupostos teóricos de natureza textual-interativa realmente se refletem nos dados: o que temos materializado linguisticamente nos textos das diferentes sincronias do português são resultados diretos das relações interpessoais vivenciadas nos respectivos momentos da história e concretizadas a partir das contingências de uma determinada “forma” textual.

Outro dado importante é que parênteses focalizadores da formulação linguística do tópico discursivo, primeiramente identificados como exclusivos de textos falados (JUBRAN, 2006b, p. 357), são detectados nos dados referentes à TD *carta*, tal como pudemos observar na descrição e análise aqui realizadas. Sendo assim, temos uma comprovação de que o processamento *on-line* não é uma característica exclusiva do texto falado, mas que deve servir como fator a ser observado nas análises a partir das diferentes TDs, a partir de uma concepção que não dicotomiza fala e escrita.

Dessa forma, um trabalho como este pode contribuir para o quadro da perspectiva textual-interativa uma vez que mostra uma análise que não polariza fala-escrita, mas apenas descreve, a partir das mesmas ferramentas, a saber: a unidade de análise tópico discursivo, as classes, subclasses e funções de um processo de construção do texto, o modo como o pragmático está refletido no textual.

Os resultados desta pesquisa mostram, por fim, um grande caminho a ser seguido, com o objetivo principal de abandonar velhas dicotomias para poder observar a complexidade discursiva do “ininterrupto processo de produção do sentido”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A.; LOPES, C. *Cartas de leitores e de redatores*. Cópia digital, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.
- BORILLO, A. Discours ou Metadiscours? *DRLAV*, 32, 1985.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOFFMAN, E. Replies and Responses. *Language in Society* 5, 1976.
- JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a, p. 27-36.
- \_\_\_\_\_. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b, p.301-357.
- \_\_\_\_\_. *Uma gramática textual de orientação interacional*, 2004. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. M. (Org.), *Gramática do Português Falado*. Vol. VII – Novos estudos, São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP, Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 131-158.

\_\_\_\_\_. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. In. KATO, M. A (Org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. V – Convergências, Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996a, p. 339-354.

\_\_\_\_\_. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. Basílio (Orgs.), *Gramática do Português Falado*. Vol. IV – Estudos descritivos, Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996b, p. 411-422.

\_\_\_\_\_.; RISSO, M. S. O discurso auto-reflexivo: Processamento Metadiscursivo do Texto. *DELTA*. vol.14 *special issue*. São Paulo, 1998.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis* XXIX. 2, p. 151-177, 2005.

LOPES-DAMASIO, L. R.. “Assim ou assado?”: análise a partir da fonologia prosódica e entoacional. *Revista Prolíngua*, v. 2, n. 2, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Éléments de Linguistique pour le Text Littéraire*. Paris, Bordas, 1990.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

SIMÕES, J. S; KEWITZ, V. *Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.